



A imperfeição ganha corpo (de letra)

The imperfection takes shape (of letter)

Tiago Aires ¹

Resenha de:

PAIVA, António, **Livro Imperfeito**. Porto: Edições Ecopy, 2010.

Autor já de cinco de livros, na sua maioria de poesia², António Paiva arrisca uma caminho diferente com o seu sexto trabalho. Um livro que se apresenta sobre o signo da imperfeição provoca a desconfiança de quem com ele se depara. Por imperfeito entende-se a ausência, a falha, o inacabado, o que tem defeito. Aqui, o imperfeito é o que não terminou ainda por dizer – e nesse caso todos os livros são imperfeitos e, mais ainda, o que não se escreveu até ao fim, como o próprio narrador nos informa na «errata» do livro: «Decidi parar de escrever neste livro por necessidade de me libertar dele» (PAIVA, 2010, p.203), pedindo desculpa aos leitores por tudo o que nele falta.

Essa imperfeição tutelar afigura-se também na «desordem» narrativa do livro, que rompe com a normal linearização temporal ou com as relações causa-efeito ainda ou teoria/exemplo que dominam grande parte das narrativas, mesmo algumas das mais experimentalistas. Por diversos momentos, metatextualmente, o narrador pensa sobre a forma como cria o seu texto, dando pistas de interpretação da estruturação do livro. Assim, as expressões reiteradas como «impressões sem nexos» (PAIVA, 2010, p.7) ou «(des)ordem narrativa» (PAIVA, 2010, p.7), entre outras, remetem para a organização dos temas do livro de uma forma que só é compreensível se atendermos a que a escrita parte de um registo a sugerir o diário, embora sem nenhuma marca típica desse registo, excepto a ideia da continuidade ao longo

¹ Professor de Língua Portuguesa e Português do 3.º ciclo e Ensino Secundário no Colégio D. Diogo de Sousa – Braga, Mestre em Literatura Românica, Estudos Brasileiros e Africanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

² Os outros títulos do autor são *Juntando as letras* (2006), *Janela do pensamento* (2007), *Navegando nas palavras* (2007), *Pedaços de vida e fantasia* (2009) e *70 poemas por um sorriso* (2009).

do tempo – no ano de 2008 – e da espontaneidade da escrita íntima, que em princípio é apenas pessoal, pese embora o discurso coloquial que surge com muita frequência, ou até dialógico com um entidade cuja voz não chega a ser incorporada directamente e que sugere a sua divulgação. Assim, a aparente organização desconexa do livro é justificada e dela decorre – da omnipresença do raciocínio, labiríntico e diletante por natureza, auxiliado pela memória de situações do passado e por acontecimentos do quotidiano. É então a vida do narrador e de outros que o narrador inclui num discurso fragmentário, volátil e, por isso mesmo, surpreendente com os caminhos que vai percorrendo. Nesse sentido, destaque-se o uso de intervalos entre segmentos de parágrafos, entremeados com pensamentos muito breves e que parecem encerrar conclusões ou antecipações, como uma espécie do essencial a reter.

Este estilo pouco arrumado que parece surgir assim do pensamento transposto do papel não o é ao nível da organização mínima do texto, ou seja: as frases são compreensíveis e são-no facilmente, excepto quando alguma inspiração mais significativa leva o narrador a tornar-se mais um «eu lírico», transformando a linguagem, que é quase sempre simples e acessível, com frases curtas e, quando não, de relação paratática, numa subjectividade emocionada de pendor metafórico. Frases feitas e refeitas e um discurso aforístico predominam, resultantes do carácter reflexivo da obra. Uma outra marca interessante, e possivelmente muito própria, é o uso do sinal de pontuação ponto e vírgula com um valor de introdutor do discurso, substituindo as aspas ou os mais usuais parágrafo, dois pontos, travessão, talvez para evidenciar a fluência do pensamento em que tudo o que vem à lembrança é do narrador, embora ele não se esqueça das vozes e das vidas dos outros nas histórias que lhe contam e que reserva na memória e escreve, juntamente com as reflexões que elas suscitam.

O modelo de escrita reivindicado, com um discurso fragmentário, tem em Portugal alguns cultores, sendo Raul Brandão, Fernando Pessoa, Maria Gabriela Llansol, Herberto Helder e Rui Nunes os seus autores mais profícuos. Deste conjunto, o narrador invoca como figura tutelar, como mestre, Fernando Pessoa. São nítidas as marcas de **O Livro do Desassossego** na obra, para

além das citações e evocações pessoais, que passam também pelo uso de outros textos do poeta. Nesse sentido, afirmações como «Somos todas as coisas, mesmo as que não queremos ser» (PAIVA, 2010, p.90) não podem deixar de remeter para um poeta sensacionista com o desejo de ser tudo. Uma outra referência onnipresente na obra, muito para além de Sísifo, D. Quixote ou *A Bíblia*, que surge pontualmente, é José Gomes Ferreira, citado de forma explícita - «Ah se eu pudesse suicidar-me por seis meses!» (PAIVA, 2010, p.152), ou de forma implícita, remetendo para **As Aventuras de João Sem Medo** ou para **O Mundos dos Outros**.

De uma forma labiríntica e fragmentária, os temas vão surgindo a diferentes ritmos, e um mesmo tema vai surgindo ao longo de toda a obra com novos dados de perspectivação. A infância, por exemplo, e o mundo rural onde ela se desenvolve, surgem em páginas distantes (19, 88) ou as reflexões sobre a literatura em geral e em particular no caso do narrador, vão pontuando o livro de uma forma quase obsessiva. Mas há espaço para o desporto – e o ano de 2008 é facilmente identificado com o ano do Europeu de Futebol ou com os Jogos Olímpicos de Pequim. Mas mais importantes do que estas referências, são as reflexões motivadas por histórias e notícias de acontecimentos de índole social e económica que revoltam o narrador, nomeadamente a riqueza ostensiva do Vaticano, a violência doméstica, o processo Casa Pia, entre outros. Uns, desportos, e outros, temas sociais, tornam-se índices temporais imediatamente reconhecíveis que conferem o tal tom de diário, ou antes, de documento, ao livro, provocando um efeito de real muito acentuado. Para este efeito contribuem ainda referências à importância da Língua Portuguesa, ao papel de Mariza e da «saudade» como portugalidade universalizante, ou as referências a apresentações de livros de autores reais.

As reflexões sobre estes e outros temas/motivos aparecem por vezes evidadas de «lugares comuns» e caracterizadas como «óbvias» - mas o que é «lugar comum» e o que é «óbvio» depende tão-só de quem lê e da sua experiência de leitura do mundo. Por vezes, também o «óbvio» tem de ser evidenciado, e quantas vezes não será ele encarado como «óbvio»? Também o amor, ao de leve, a felicidade, o tempo são tempos que vão surgindo. Mas o

tema principal, ou o que mais interessa ao narrador, é o da criação artística, associado à leitura. A leitura como salvação e evasão, a escrita como entretenimento (de si, para os outros), como catarse - «A minha vida está cheia de erros que me levam à escrita. Sou dependente das palavras para colmatar um vazio lúcido que me habita» (PAIVA, 2010, p.131), como compromisso, como libertação.

O narrador deste livro é o próprio narrador. É assim que assina o livro no prefácio, é assim que se apresenta e assume. Mas momentos há em que esse narrador ganha nome: António Paiva. Embora o livro não se assuma como confissão, há momentos em que o narrador diz ser o autor de **Navegando nas Palavras**, livro de poemas de António Paiva, ou evidencia essa relação de outras formas, como leitor, como amigo, como homem. Com esta última nota sobre um narrador que não é perfeito nem o deseja - «Como não sou perfeito nem ambiciono a sê-lo» (PAIVA, 2010, p.29) - termino só com uma última frase do livro, com uma força de síntese do teor do livro, da vida: «Claro que a vida é imperfeita, como todas as vidas que se prezem devem ser» (PAIVA, 2010, p.172).